

A PATRIA

ORGÃO REPUBLICANO DO CONCELHO DE OVAR

Director — Antonio Valente d'Almeida

Administrador — Fernando Arthur Pereira

Redacção: Rua de St.ª Anna

Propriedade da Empresa do jornal "A PATRIA,"

Rua das Figueiras

ASSIGNATURA

Em Ovar, semestre. 500 réis
Avulso 20 »
Para fóra da villa, accresce o porte do correio

Composição e impressão — IMPRENSA CIVILIZAÇÃO

de Viuva Lemos & Gonçalves
RUA DE PASSOS MANOEL, 211 a 219 — PORTO

Annuncios: 1.ª publicação, 40 réis a linha. Repetições, 20 réis
Permanentes e reclames a preços convencionaes.
Comunicados a 50 réis a linha. Aos assignantes 25 % de abatimento.

O Duello

Entre uns phenomenos muito curiosos que se tem dado na vida social portugueza, um ha que por mais estranho, me tem provocado bem contradictorias reflexões — é o duello.

De ha uns annos — poucos — a esta parte, tem-se vulgarizado de tal fórma o uso do duello para dirimir questões nascidas quasi sempre d'uma divergente opinião, que a um descautelado fará suppôr que é essa a melhor senão unica fórma correcta de as terminar.

Eu sou, confesso, quer theorica quer praticamente, adversario irreconciliavel d'essa estúpida reminiscencia d'aquellas epochas de cavallaria que entre as suas bellezas não contava certamente como tal o habito de tudo liquidar pela força, sobrepondo-a á Justiça. Mas á parte a minha antipathia pessoal, não descubro á luz d'um frio raciocinio a mais ligeira justificação do duello, cujo uso eu vejo generalisar-se assustadoramente no nosso pacato meio. Temperamentos bellicos? talvez; mas mal aproveitados. . .

E' certo que as luctas politicas tem exacerbado os animos; luctas vitalisantes, symptomaticas d'energias tantas vezes postas em duvida e hoje incontestadas. Mas se eu admitto uma exaltação momentanea indicadora da sinceridade d'opinião, que leve o individuo a uma aggressão pessoal ou a um crime porque nem sempre a vontade domina os nervos, não admitto que passado tempo, alguém se prepare, a sangue-frio, para fazer calar e vencer um adversario porque tem mais destreza ou melhor pontaria.

E o peor é que aquelles a quem, como a mim, repugna esse argumento se deixam arrastar por falsas noções

d'honra e de coragem, e lá vão tambem para o campo do combate onde o talento nada vale, confiar ao cano d'uma pistola ou á ponta d'uma espada a defeza d'uma Ideia! Fraca defeza! Inutil sacrificio!

A Ideia vingará porque se não acorreita ao homem, nem d'elle vive; a razão ficará — como estava — com o que fica ou com o que morre.

Se o offensôr não diffamou o offendido, se disse apenas a verdade e apesar d'isso, morre, esse offendido continua a ser o que era e mais. . . um assassinio! D'isto não ha fugir. E não me fallem no codigo d'honra; esse não é o que corre impresso e organizado por a phantasia e concepção d'um espadachim!

O codigo d'honra está escripto nas consciencias limpas que por elle regulam os seus actos, que o sabem folhear quasi instinctivamente; mau symptoma é para quem quer que seja, o necessitar confiar a outrem a sua consulta e a sua interpretação.

Mas pergunto: que extranha influencia é a do duello que leva innumerous funcionarios a calcar aos pés o seu dever? Porque o não cumpre o delegado competente? porque o não compelle a isso o Procurador Regio e aos dois o Ministro da Justiça?

Porque não evita a policia — a habil — um facto criminoso de que só não tem conhecimento se, como aliás se pôde justamente suppôr, não sabe lêr? e o commissario, o governador civil e o ministro do reino?

Não sei. Felizmente o duello entre nós resulta sempre no desperdicio d'umas cargas de polvora o que se é uma vantagem, teem a dupla consequencia de o tornar censuravel por a intenção e ridiculo por a execução.

Mas se o duello é imprescindivel e consiste apenas na queima da polvora ahi vae um alvitre: reunidos os figurantes no local do combate e avaliado por accôrdo o va-

lor da polvora, compra-se por conta dos adversarios um foguete d'esse valor. Se os adversarios são exigentes podem mesmo ir ao foguete de pyrotechnico afamado com as lagrimas convenientes; se a questão é grave subirão até á dinamite ou mesmo por patriotismo á hymalaite. Tudo vae de convenção e assim se pôde liquidar honrosamente uma questão desde que assim se convencione.

No caso contrario ponham como primeira condição d'elegibilidade para representantes da nação ou de nomeação para qualquer cargo ou funcção publica — o tirar carta d'espadachim. A não quererem o que seria preferivel e evitaria os duellos — pôr de parte as aristocraticas espada e pistolla e substituil-as por o nacional sôbro ou marmelleiro. E o codigo d'honra cederia justamente o seu logar ao collega . . . codigo florestal.

Toribio.

A OBRIGA

O EXERCITO

Quando o soldado é arrancado da sua leiva e do ganha pão da officina para os deveres da fileira, entre os juramentos, a que o cominam, lá está em primeiro plano a obrigatoriedade solene da defeza do solo patrio. Ao official, saído das escolas para o destino brilhante das charlateiras doiradas, ao inicial-o, o mesmo juramento, lhe exigem — e certo os peitos noveis com alvoroço e carinho pronunciam a inutil jura.

Tambem lhes dizem que é forçado a dar pelas instituições do paiz e pelo rei, a vida cara, a vida bella dos jovens anos. . . E, com a ridicula pompa de um juramento, entalam entre a espada e a parede o adolescente pundonoroso. Dar a vida pela patria — sem hesitação, jenerozamente, corajosamente, — em todos os cazos: de certo.

Dar a vida pelas instituições? Dignamente? — Talvez! . . .

Pelo rei? Conforme! . . .

Pela Patria, sem contestação, é a honra, é o imperativo categorico, e é-o para todos os filhos — militares ou não militares, de uma nacionalidade ameaçada. Pelas instituições? Sim,

quando elas são a garantia da honrabilidade e da integridade da patria, quando elas assentam na razão e na justiça, quando são factor de progresso; quando são motivo de apreço. Não — quando as instituições cavam a ruina da patria, quando a enxovalham pelos seus crimes, quando a comprometem no seu viver. E pelo rei? Nunca. — a não sêr no caso fantastico de, pela existencia de um monarca, sêr apenas e então possivel a autonomia de um povo.

O juramento é em qualquer caso uma indefensavel superstição, para o militar o contraído para com a Patria aceita-se sem reatramento moral, o que se contráe para com instituições pode admitir-se e pode negar-se, o que se dá ante a realza é impugnado pela consciencia e não aceite pela razão.

Apoz o juramento do estilo na autocratica . . . Turquia verificou o soldado que nação, patria, não podem caber com monarca e instituições fraudulentas. No quartel, nas reuniões sociaes, na via publica, ao militar a verdade do contraditorio flagrante aparece nitida, insofismavel; cominatoria. Perante o seu senso civico ele verifica, conhece, que das alíneas do seu contrato alguma tem de aspar: — a de Patria? nunca; a de instituições? — sem duvida; a do rei? sim. Desde essa hora, no seu juizo, está aberto o caminho. Podem cair sobre a sua farda as perseguições e as sevicias, pode a traição arrastal-o ás masmorras sem ar e vida, que isso não o desloca da orbita em que a vontade circula.

Soldado exemplar de paciencia, de pertinacia e bravura, o turco mosqueado de varios sangues, e varias confissões relijiozas, argamassou no cahotico a sua «Joven Turquia», e pela porta d'ouro da revolução destituiu um sistema; apeou um rei; desaljemou um paiz. Bela lição! Nobre exemplo! Seja na latitude que queiram, e no paiz que lhes lembre, cá o rincão do ocidente ou qualquer Coreia oprimida, — dou-lhes de razão licença para exemplificar, livremente.

O exercito de uma terra-patria, é a patria em si, armada para a defeza nos pequenos poros, para a defeza e para a conquista nas monarchias potentes.

Pretender que as enerjias que o constituem e os sacrificios que o representam limitem o seu estreito dominio a guardião de um sistema, ou a espeque de um trono, é a injuria maior de todas que, á força armada, pode sêr feita; — é transmudal-a no — bando — essa baixaza de assalariados para a rapina e a concussão. Ha sempre educadores miseraveis e pregadores Santa Cruz que acham digno

esse ignominioso acanalhamento da flôr do sangue de um povo, felizmente não ha exercito, de terra alguma — que a taes infamias se preste.

Obediente, como nenhuma outra, passiva, de uma passividade de coiza era a força armada otomana; pois rebelou-se, e arrancou a Abul-Hamid, o assassino coroado, todo o poderio despotico e toda a raiva de fera. O que se viu na Turquia pode dar-se em qualquer paiz, e maiormente naquelles onde administração e governo estão inda abaixo do turco. Pode dar-se, e deverá dar-se, com o exercito, que não é dinastico, senão antes e essencialmente nacionalista.

Antonio Valente.

ECOS DA SEMANA

Irmãos Unidos

Afonso Costa, o notabilissimo parlamentar, mais uma vez pôz á prova a egreja rotativa e o pastor makavenko.

Fazendo a acuzação, implacavel, da sanguinaria ditadura propôz, na camara dos deputados, a pronuncia de João Franco e dos cumplices; — pondo a questão nos verdadeiros termos de legalidade e necessidade juridica, e no seu justo e iniludivel significado moral. As maiorias governativas, — progressista e rejeneradora, — durante todo o discurso sublinharam-no de apoiados intensos, de interrupções concordantes; nem o contrario podia sêr. O franquismo combateu-os, o franquismo que liquidou numa aventura de roubo e numa tragedia insolita, devia ser condenado, azorragado no pelourinho. Tinham os part dos da monarchia a obrigação de julgarem, e, julgando, tinham o dever da condenação.

Aplaudiram o deputado republicano em quanto foi de palavras; recuaram, fugiram miseravelmente, quando a factos se quiz chegar. Cobriram com a sua responsabilidade, com a sua cumplicidade nojenta, — aqueles que os arrastaram na lama, aqueles a quem juraram castigo, aqueles cujo crime não tem perdão, nem derivantes, nem atenuantes.

Estão agora juntinhos! Cartouche e Iago, unidos, nunca fariam tão belo arranjo.

Os rotativos! . . . os despreziveis capachos. . .

A guerra social

Certos jornaes já falam que seja, agora, o triunfo do socialismo, e de Paris alguém clama que é isto a guerra social. Pois será, — mas nós achamol-a verde. A obra

sociocratica da republica em França, está ainda em esboço, e de esse estado, mais alto, da democracia gauleza é que será fácil o salto para novas conformações. A guerra social, de por ora, o que dá, em fructo, é alguns cadáveres de operarios e de soldados, e a repressão burgueza entregue ao durazão Clemenceau. Também servirá de motivo a algumas lições de eloquencia do sacerdote Jaurés, mas o peor são os mortos, os gravemente feridos, os perturbados no seu viver pelo terrível duelo;—que nunca finda.

ARA

O Triste Monje

Em uma cerca d'árvores frondosas de um convento de irmãos hospitalarios, passeia um monje, ás horas religiosas, ouvindo os rouxinóes nos castanheiros.

E o jardineiro passa... e diz olhando o monje entregue a soluções divinas: Que bela vida a de este Venerando! —Comer, orar, beber, cantar matinas!...

Mas numa rua de alamos fechada —onde não entra o vão rumor da jante ante um retrato de mulher amada, o monje chora, silenciosamente.

Passam na rua, em passo lento e incerto, as solenes e hirtas procissões. E o monje passa, no seu livro aberto, lendo salmos latinos e orações.

E o vulgo diz ao vel-o: «Belo estado o de este monje palido e tranquilo! —Cantar salmos ao povo prostrado! —Depois das refeições, fazer o chilo!...»

Mas numa ermida gotica e fechada —onde não entra o vão rumor da jante— ante um retrato de mulher amada, o monje chora, silenciosamente.

Do seu escuro e hostil confessorio, d'onde sae um catolico terrôr, fulmina imprecações o Solitario, contra o peccado lirico do Amor.

E a penitente diz, lavada em pranto... «—No vosso rosto calmo e socegado, bem se lê que não tendes, monje santo, assim como eu, um coração varado!...»

Mas numa cela lugubre e fechada, —onde não entra o vão rumor da jante— ante um retrato de mulher amada, o monje morre... silenciosamente.

Gomes Leal.

Interesses municipaes

Mais uma vez o illustre articulista do «Jornal d'Ovar» se socorre da sua indiscutível e bem provada rabulice, escapulindo-se, pela porta falsa do sophisma, do cemiterio que, parece, o assusta, provocando-lhe talvez a obsessão, de que nós, dada a nossa especial competencia, o pretendamos para lá mandar, quando é certo que lhe desejamos longa e prospera vida e simplesmente diligenciamos sacudir a edibilidade da profunda lethargia, que lhe entorpecer os orgãos, isto é, insuflar-lhe vida, que se traduza em obras de largo alcance, energia, que se transforme em movimento de amplo fomento municipal.

Mas pobre concelho!... Infeliz terra!...

Até a criação d'um cemiterio novo é empreza superior ás exiguas forças do seu cofre!

De maneira que n'estas condições, mais anno menos anno, estamos sujeitos á suppr-ssão do concelho por incapaz de prover aos enterramentos da séde na fórmula legal, visto que provado ficou no nosso artigo anterior e confessado está na replica do «Jornal d'Ovar» que o actual não pôde satisfazer aos seus fins durante muito tempo?!

De maneira que não ha meio algum para que n'esta tão populosa e rica terra surjam os melhoramentos, que outras menos importantes, mais pobres e mais distantes da civilisadora athmosfera das cidades, ha muito usufruem?!

De maneira que a magreza do cofre municipal reduz a tarefa das vereações ao expediente, á reparação de algumas estradas e ao abandono de todo o resto?!

Mas então simplifique-se o processo administrativo e deixe-se a gerencia municipal a cargo de qualquer amanuense, que dará conta do recado, dispensando-se perfeitamente o luxo, nem sem pre barato, d'um corpo electivo.

Se a tarefa da camara municipal d'Ovar tem de se circumscrever aos velhos e estreitos moldes, que rotineiramente se seguem, ha muitos annos, então armemos-nos de resignação para ficar fóra do mundo civilisado, privados de todos os beneficios do Progresso.

N'estas condições tem razão o articulista. Nem a saúde publica, nem a commodade nem o embelezamento são obras de utilidade! A mudança do cemiterio, que está a tornar-se insalubre e obsta anti economicamente á formação d'um bairro novo e abertura de largas arterias de acesso á via-ferrea, não merece também a classificação de melhoramento necessario!...

Mas então o que entende o nosso contendor, que seja necessario e util aos municipes?!

Ped mos licença para antecipar a resposta.

O que a nossa villa precisa é de se patentear aos olhos dos de casa e dos extranhos como documento authenticico do mais peccaminoso desleixo, como attestado jurado da mais indolente inercia!

Do que ella precisa é de vêr correr pelas valetas das suas ruas esses regatos de immundicie mephiticos e insalubres, que o sol cultiva, virulendo-lhe os microbios pathogenicos! O que é justo é que, percorrendo as ruas d'esta rincão sertanejo, admiremos os bellos alinhamentos, que as tornam estreitas e tortuosas contra todos os preceitos da hygiene, da belleza e do bom policiamento. O que é natural, é que todas as construcções, que se tem feito ultimamente e se continuam fazendo, abram exgottos para a rua com a mais assombrosa sencerimonia. O que é para louvar é que se deixe destruir alguma coisa de bom, que os antigos, muito mais longe da luz, nos legaram.

E se nos perguntarem onde recolhemos os doentes pobres? e se investigarem, onde isolaremos hypothetica epidemia? mostraremos desvanecidos o luxuoso palacio de S. Pedro.

Quando nos pedirem para visitar o nosso mercado, imporemos de vaidade, gritando: saiam de casa e olhem. E' enorme; é tamanho como a villa. Em toda a parte, em qualquer canto se encontrará um cestinho com generos alimenticios; em qualquer rua ou travessa poderão tropeçar n'uma canastra de sardinhas ou n'uma ruma de cebolas ou fructa pôdre.

Acham pouco? querem melhor? Ora os exigentes! Os antigos viveram assim e eram mais fortes que nós.

E, orgulhosos de usufruir todas estas regalias, poderemos er-

guer sobranceiramente a cabeça e dizer alto ao resto do paiz: sômos cidadãos no gozo da mais absoluta liberdade; invejem-nos.

On então, como aquelle burro da fabula, que, depois de accusado de possuir todos os defectos, se consolava por ter uma linda voz, teremos também de replicar aos que nos lançarem em rôsto o nosso atrazo, que vamos ed ficar umas lindas cadeias. Nunca poderemos perceber, porque as cadeias mereceram a predilecção da nossa camara.

Mas d'esta vez para a mudança do cemiterio poz-se um unco embargo—a falta de dinheiro.

Valha a verdade, que se convenceu o nosso contendor de que, caracolando garbosamente montado n'este já famoso cavallo de batalha, nos embaçava ou deixava boquiabertos os... papalvos. Mas parece-nos que o esforço de dialectica foi produzido em pura perda.

Já em anterior artigo apontamos alguns meios de crear receita sem recorrer á percentagem sobre as contribuções do Estado, e frisamos, que a thesouraria municipal se achava desafogada, visto que se abandonavam rendimentos.

Voltaremos ao assumpto e mais minuciosamente se soubermos, mas, para não estar a produzir inutilizados, rogamos ao articulista, que se empenhe perante a camara—e crêmos que terá facilidade em o conseguir—para que ella ponha de parte a *regedoria politica* na questão e não se explore a credula ignorancia popular, assustando a com o *papão* do emprestimo e das contribuções directas. Depois d'isto vêr-se-ha, que não é tão difficil, como se propala, crear receita sem gravame para os municipes. Tudo se reduzirá a aproveitar o que anda desperdiçado, obrigando-se quem deve ao que deve Quanto aos donos dos predios confiantes ou fronteiriços do cemiterio mantemos a mesma crença a respeito da sua boa vontade, apesar do pessimismo do «Jornal d'Ovar», porque não admittimos a hypothese abunda de que se recusem cinco para receber dez. Consiga ainda o articulista que a camara trate a sério do assumpto, que nós daremos sem a mais pequena reserva á empreza todo o nosso esforço pessoal e aquelle valimento, que poderemos alcançar dos nossos amigos. Então faremos a vontade ao articulista e bateremos á porta dos interessad. Agora não estamos resolvidos a dar passadas em vão, mesmo porque, se tivéssemos ao iniciar esta secção, a experiencia d'hoje, condemnariamos aquillo que desejásemos vêr realizado. E assim teriamos começado por condemnar a construcção do hospital e preconisar a edificação das cadeias.

Fubio Cunctator.

Não fol o partido republicano quem inventou a questão (dos adiantamentos); fol a monarchia que se adiantou, que a suscitou, e só por brio proprio, por honra da nação, e em defeza dos seus interesses o partido republicano a tem discutido e debatido. O proprio rei D. Manuel a manteve na

«ordem do dia», com a sua primeira e conhecida carta ao ministro Ferreira do Amaral em que a memoria do paé soffreu mais cruel chicotada e mais dura punição, de que em vida lhe fora dada com uma bala de carabina.

Fol o rei D. Manuel quem, escrevendo n'essa carta que sómente queria receber o dinheiro que legalmente lhe fosse arbitrado, gritou sobre as cinzas de seu paé: —sim! tu foste culpado e malvado! não quero ter nenhuma solidariedade com a tua obra de crime, de roubo, de assassinio!

Na nossa patriotica campanha só temos encontrado o aplauso e o apoio do povo. Não serão elles, «adeantadores e adeantados», que nos farão demover ou hesitar a melo do caminho. E o sagrado dever que a nossa honra e o mandato recebido do povo nos impõe será cumprido integralmente até final: os criminosos serão justicados, e a Republica será proclamada!

A prevista attitudo da «reacção dos adiantamentos» deve o partido republicano corresponder com a «mais forte e sólida preparação, disposto, decidido, n'uma resolução firme, inabalavel e serena».

—Portugal não morrerá ás mãos sujas dos «adeantadores!»—Se a reacção o provocar, não mais haverá, até ao termo d'esta peleja, nobre e patriotica, uma hora de paz e de treguas!

O que se teria evitado, se o clarão redemptor da madrugada de 31 de janeiro de 1891 não se houvesse apagado, no seu breve despotar!

O que se haveria prevenido, se a acção de 28 de janeiro de 1908 tivesse triumphado!

Mas ella será completada na hora propria!—se a monarchia assim o quer, se a «revolução de cima» nos ameaça, trazendo como flamula uma ordem de «adiantamentos», eu estou disposto a retomar os fios da meada, nenhum dos quacs pôde quebrar-se nos nas mãos, porque elles se tecem na fé ardente, na indomavel energia e no amor da patria, e a concluir convosco a larga e luminosa obra da salvação da nossa Patria!

Affonso Costa.

(Conferencia no centro republicano de Lisboa—Antonio José d'Almeida).

VULGARISAÇÃO SCIENTIFICA

AO CORRER DA PENNA

E' a hora de partir. Todos fogem, levados na carreira vertiginosa do vapor, por essas arterias de viação, abandonando os grandes centros, o ar mefítico e carregado de micobrios das cidades,

onde durante dez mezes seguidos se lucha pela vida, com mil quebras de cabeça e muitas contrariedades. Requisita-se o descanso retemperante, o socego dormente do campo ou o ar tonico marinho, embalando o espirito na suave quietude da beira-mar adormecendo ao rythmo cadenciado do resfolgar do mar immenso, como um espelho de variadas côres e com reverberos fulgurantes nas tardes calmosas do verão.

Vai-se emfim descansar, mas qual a medalha que não tem o seu reverso? Um mundo enorme de pequenos parasitas e insectos vos assaltam e vos incommodam.

São em primeiro logar os terríveis mosquitos que com appetite extraordinario vos devoram.

As mãos, o rosto apparecem no dia seguinte semeados de erupções dolorosas que provocam uma viva comichão, por causa da saliva venenosa que esses inimigos aladados vos tem injectado. Sobretudo as mulheres muito se incommodam e não querem sahir com a cara inchada, isso é para ellas um supplicio. Fazei pois vós senhoras applicações de compressas embebidas na solução seguinte, muriado de cocaina 0g,50. Agua de louro-cerejo 100 grammas.

Mas o melhor será evitar a picada e para isso é conveniente usar os mosquiteiros, lavar as mãos e o rosto ao deitar com o cozimento de folhas de nogueira, ou com o de quassia; são ingredientes que desagradam ao senhor mosquito.

Estando, como está, perfeitamente averiguado hoje que é o mosquito o principal vector e transmissor do hematogario de Laveria (o microbio das sezões), é obvio que tudo teremos a lucrar com a guerra aos mosquitos.

Entre nós é principalmente a variedade Cudex que se encontra, embora algumas vezes e principalmente para os lados da nossa ria apparece também com relativa frequencia, a variedade Anopheles, que é o principal transmissor e que se reconhece facilmente pois poisa sempre obliquamente ao plano sobre que se deposita, visto que as patas trazeiras são muito mais compridas que as dianteiras, conquanto que a variedade Cudex poisa sempre horizontalmente.

O percevejo: eis ahi um outro inimigo com que vós não contaveis e que quantas vezes, terríveis, implacaveis se atiram sobre a pobre victima com furor leonino.

Pois este sobrio animalsinho que um sabio já teve a paciencia de estudar nos seus habitos e costumes, chega a estar dois annos inteiros sem nada comer.

Que paciencia a dos sabios! e que diria a Sociedade Protectora dos Animaes se tal soubesse!

O melhor processo para os destruir é pincelar todos os escaninhos dos colchões e barras das camas com uma solução contendo 1 gramma de sublimado corrosivo em 500 grammas de potroleo e destruir assim os ovos antes de germinarem. Quanto ás picadas basta passar um pouco de vinagre de toilette forte, para as fazer desaparecer.

As pulgas, esses pequenos acrobatas só por meio de caça e sobre essa caça é inutil referil-a todos mais ou menos bem a applicam, com maior ou menor resultado. As picadas saem também com vinagre forte ou com agua de Colonia.

Uma picada desagradavel com

prurido e inflamação vericólosa é a que produz a larva do trombidio sedoso, pequena aranha que tem os fios da v.r.gem, frequente principalmente nos mezes d'agosto. Esta larva chega mesmo a penetrar debaixo da pelle e ahí se reconhece por um ponto vermelho. A pomada de enxofre é o melhor meio de a destruir.

As picadas dos abelhões e abelhas são muito frequentes. E' preciso tirar immediatamente o agulhão com uma agulha fina, ter cuidado em não o quebrar e principalmente não comprimir muito os tegumentos para o fazer sair, afim de não romper a pequena vesícula anexa ao agulhão e que contem o veneno. Lava-se em seguida com amoniaco ou com agua fortemente salgada na sua falta.

Carta d'Além-Mar

PARÁ, 11-VII-908

MONARCHIA

Os ais rouquinhos da tua agonia vagarosa e repellente chegaram até aqui.

Querias consolar-te, minha velha, mas que queres? Estás gasta e... não és moça.

O melhor da tua juventude consumiste-o em aventuras. Subiste n'um throno levantado sobre a estupidez; calcaste os filhos que te estremeciam e que, como aves agoureiras, afastaste do teu convívio e do teu seio; desprezaste-lhes suas supplicas respeitadas; gastaste á larga. tiveste cortezãos, déste banquetes heliogabalescos; dissipaste o alheio; devoraste o patrimonio do teu povo; illaqueaste-o na cadeia das trevas; agrilhoaste-o ao carro triumphal da cobiça estrangeira; sugaste-lhe o sangue e aniquilaste-o; tiveste visitas, fizeste figura, passeaste, comeste, riste, dançaste e fumaste.

Agora estás caduca, paralítica, morphetica?

Vês-te só?

Que queres?

Não viste, ao prostituir-te, o fim lastimoso de toda a corteza que tem a infelicidade de não saber morrer ou aniquilar-se a tempo?

Não conhecias o tumulto da raimeira?

Não viste nunca a lousa fria da meza anatomica?

Ignoravas, por ventura, que ficarias só n'um throno de barro, phantastico, ideal, apenas te vissem anemica, exausta, esqueletica os vampiros do sangue que te sustentava e te nutria?

O que esperas?

Que as sanguessugas te sustentem?!

Não vez o que ellas fazem?

Ora senta-te lá n'esse throno carunchoso e anachronico, e ouve:

Ha tempos uma congestão perturbou esse teu viver *lêdo e cego*; deitaste á cabeça os dedos crispados que baixaste logo, enojada, cobertos de parasitas; tiveste medo e, afflicta, choraste, mendigaste e evocaste um faminto, que, na sombra te lançava olhares de hyena.

C' viste-lhe aos pés e entregaste-te a elle que tripudiou sobre o caracter e fez da honra um crime. Roubou uns para locupletar outros e arrojou ás vascas da agonia os misereros que se debatiam nas garras da miseria. *Et reliqua cognota...* Em Portugal.

Aqui implantou a discordia entre a colonia mais unida e fraternal.

Quiz um apoio d'a én-mar; prometteu commendas e brazões e conseguiu uma mensagem, *honrosissima*, uma mensagem nascida entre copos espumosos de botelquim, uma mensagem de, salvo rarissimas excepções, *illustrados* e finos como araras, uma mensagem de commendadores, de venaes e de homens cuja arma unica em favor da monarchia ou qualquer outro regimen, é a rodilha e o bordão de carregador, uma mensagem d'homens que ao fazerem o nome escrevem quatro asneiras, uma mensagem de *talassas*!!

Talvez, ó velha, duvides do que digo deante de tanto *talassa*.

Tem paciencia, não deixes arrefecer o assento. Espera um pouquinho mais e saberás o resto.

Um commendador, ex-futuro visconde, antigo moço de fretes, *dicatur*, e actualmente um dos chefes d'uma casa importante d'aqui, impôz aos socios d'outra, com que tinha transacções grandes, a tal *tala*.

Os outros, suppondo chalaça, offereceram-lhe um copo de vinho e o homem, o teu commendador, ó monarchia, replicou muito formalizado: é serio. Queremos mostrar áquella canalha estúpida que sómos gente para... (aqui puz reticencias porque o *bicho* engasgou-se) sustentar o rei. Ou bem que temos titulos nobres ou bem que sómos burros, indolentes. Se não assigna não conte mais com a nossa casa. E lá foi a firma d'um illaqueado limpar-te os pés.

Outro bateu á porta d'um indifferente.

—Só assigno se me vendes isto por tanto e aquillo por isto.

—Mas assigna?

—Assigno.

E lá foi a mesquinha assignatura a troco d'uma caixa de batatas por menos trezentos réis e um barril de vinho mais barato cinco tostões.

Moeda *di cá!!!*

Com caixeiros e trabalhadores, nem se falla. Ou assigna o' rua, eis o triste dilema em que se apertavam os pobres de... convicções. Vez, minha velha, o que são as coisas.

Deixa-te de tolices, não encesres mais o rôsto, deixa-te de enfeites e olha para o futuro, para a vida eterna, para a historia. Ainda tens tempo, *minha rica santa*. Chama alguém digno de ti, um papa, por exemplo, um bispo ou um cardeal; arrepende-te, confessa te e depois... se não tiveres coragem, transporta-te á Palestina, contempla Judas e dependura-te n'uma figueira... das do diabo. Não faças isso nas outras para nos deixares os figos ao menos.

Se podes conceber ainda a noção do pudor ser-te-ha preferível o suicidio á decomposição nauseabunda e repellente que já se apoderou de ti.

Adeus. Se viveres, alguma coisa mais te direi na mala seguinte.

Não envergonhes a tua gente que, n'esta hora, para te ajudar a bem morrer, te recommenda ao ceu com um *Miserere, Mei Deus, secundum magnam misericordiam tuam; dele iniquitatem meam...* Amen.

Vaz Abreu.

NOTICIARIO

Dia a Dia

Chegou-le Vidago, reassumindo as suas funcções, o sr. dr. Ignacio Alberto José Monteiro, digno juiz da comarca.

—Vindo de Lisboa, encontra-se no Furadouro com seus filhos, a uso da banhos, a sr.^a D. Celeste Magalhães Carrelhas.

—Partiu para Luso com sua esposa e filho Alvaro o sr. Manoel Valente d'Almeida, considerado commerciante d'esta villa.

—Regressaram do Rio de Janeiro os sr.^s Manoel Rodrigues Lirio e Joaquim Maria d'Abreu.

—De regresso de Manaus tambem chegou a esta villa o sr. José Corrêa de Pinho.

—Encontra-se n'esta villa onde veio presidir ao jury dos exames d'instrucção primaria, o sr. dr. Eduardo Silva, illustrado professor do Lyceu d'Aveiro.

—Esteve entre nós, de passagem para Luso, o nosso amigo João Nunes da Silva.

—Cumprimentamos domingo passado n'esta villa os nossos amigos Padre João Gomes Pinto, dr. Mario Cunha, Arnaldo Duarte Silva e Capitão Medina.

Festa Escolar

Foi uma festa altamente sympathica a que domingo passado a benemerita Commissão de Beneficencia Escolar d'esta villa dedicou ás creanças que estão recebendo nas escolas primarias o sustento da instrucção para o dia d'amanhã. Sympathica, sim, e ao mesmo tempo proveitosa para a infancia que certamente, por estimulo, accorrerá no futuro mais assiduamente á escola, a festa escolar promovida por aquella Commissão deixou perdoraveis impressões não só no espirito delicado da pleiade de creanças a quem foi dedicada, como no de todos aquelles que a ella assistiram.

Tem uma alta significação social esta festa e assim o comprehendeu, associando-se a ella a villa inteira, que, felizmente, despertando da somnolencia do indifferntismo em que estava immersa, parece disposta a erguer-se, em todos os ramos da actividade, para a vida, para a felicidade e para o progresso.

E' a terceira festa que aquella altruista agremiação effectua e aquella a que no domingo assistimos, veio engrandecer mais a missão evangelisadora a que aspira de instruir e proteger.

Assim se viu: Ao passo que se recompensava a applicação e o aproveitamento escolar, distribuindo premios, se patenteava a protecção, ministrando vestuarios aos alumnos mais pobres, e sobresabia a philanthropia, fornecendo um bôdo ás creanças indigentes. Reunindo o util ao agradável, fez-se ainda um espectáculo infantil, em que as creanças, cultivando a arte, se recreavam e divertiam.

Para o seu lustre contribuiu sem duvida a adhesão do povo que a ella se associou; mas para a sua grandiosidade, foram sentimentos patrióticos dos nossos conterraneos residentes além-mar, que tão generosamente teem contribuido para o desafogo do cofre da Commissão, e especialmente a dedicação d'esse grupo de cidadãos presentantes que constituem a Commissão de Beneficencia na verdade todos dignos de louvor.

A elles, pois, o preito da nossa admiração.

A's 11 horas precisas, como fôra annunciado, foi aberta a sessão solemne. O theatro estava completamente cheio. No pulco viam-se os membros da Commissão, representantes de corporações associativas, da imprensa, e convidados, notando-se a ausencia do presidente da camara e do administrador do concelho.

Os camarotes eram occupados por grande numero de damas, cujas *toilettes* davam um aspecto garrido á sala; no atrio e no largo permaneciam dezenas de pessoas que não podiam obter entrada.

Assumi a presidencia o nosso illustre amigo dr. Pedro Chaves, que é o presidente e a alma da Commissão, sendo secretariado pela professora sr.^a D. Gracinda Marques dos Santos e pelo parcho da freguezia sr. dr. Alberto d'Oliveira e Cunha. O presidente proferiu um elegante discurso, em que, com linguagem por vezes arrebatadora, enalteceu as vantagens da instrucção e a cooperação generosa d'aquelles que longe da patria teem contribuido para o engrandecimento da Beneficencia.

Findo este discurso, foram distribuidos os premios e menções honrosas aos alumnos que mais se distinguiram no anno lectivo. Ao encerrar a sessão o presidente usou novamente da palavra, o qual foi, como da primeira vez, muito ovacionado com calorosas salvas de palmas.

No final, como no principio, foi cantado o hymno escolar, sendo ouvido de pé.

Cerca da meia hora da tarde foi servido no atrio dos paços do concelho um substancioso bôdo a 6) alumnos pobres, subsidiados pela commissão.

Decorreu deveras animadissimo já pelo bom appetite e alegria communicativa das crianças, já pela intima satisfação de que estavam possuidos os membros da commissão, attendendo e servindo com o mais carinhoso dos affectos a todas as crianças.

A' noite houve o annunciado espectáculo pela *troupe* infantil. Foi mais uma attrahente diversão que os promotores da festa escolar proporcionaram a Ovar. N'esse espectáculo, nada mais se podia esperar de crianças, sendo forçoso confessar que muitas se houveram não só com correcção como mostraram pela naturalidade com que se apresentaram em scena, aptidões para o palco, sendo por isso justamente applaudidas.

As peças—maviosos originaes do tão conhecido como consagrado nosso conterraneo, distincto litterato, o Dias Simões, que teve chamadas e ovações repetidas.

Casa á cunha, apesar da elevadissima temperatura.

Desastre

Terça-feira, cerca das 11 horas da manhã, estando a sacudir um tapete á janella da casa de habitação da sr.^a D. Maria Araujo Cardoso, caiu do 1.^o andar á rua a costureira Maria Emilia Coelho, ficando gravemente offendida na cabeça.

Deu logar ao desastre o varandim da janella cair com o impulso que a infeliz costureira applicou.

Incendio

Ante hontem de manhã manifestou-se principio d'incendio

n'um predio dos Pellames pertencente ao sr. João Pineu.

Os prejuizos foram insignificantes.

Louvor

Pelo governador da provincia da Guiné e commandante das operações que ultimamente se effectuaram na referida provincia, o 1.^o tenente d'armada sr. João Muzanty, acaba de ser louvado o nosso conterraneo e brioso tenente de ultramar Balmiro Ernesto Duarte Silva, pela maneira como desempenhou todos os serviços de que foi encarregado como ajudante do commandante da columna e mais especialmente ao ataque á povoação de Gauturo.

A esse louvor juntamos os nossos parabens.

A Meia Laranja

Um grupo de cavalheiros da nossa villa, sinceramente amantes do stato quo das velhas coisas locaes, lembrou-nos a vantagem de, libertando de encargos e maçoarias a camara, realizar uma subscrição publica para reconstituição da meia laranja.

E' sensato o alvitre, e a feliz ideia, tanto mais que resulta do facto uma bela ajuda para a edicidade vareira, tão sobrecarregada de quefazeres, e tão em sacrificio constanete pelo muito que olha, e se devota e interessa pelas necessidades locaes. A subscrição—providencia, far-se-ha pois, e é obvio que sem intuito de desagradado ou de malevola freima contra a nossa camara.

E' de um vintem—para chegar a todas as bolsas—a importancia individual a subscrever; e nesta redação todas as noites se aceita o obulo dos paes e mães da caridade, que é como quem diz, dos subscritores. Abrimos a sinfonia do vintezinho e com o nosso nome no cabeçalho:

Redação da Patria... 20 reis.

CORRESPONDENCIAS

Vallega, 27 de julho de 1908

(Retardada)

Ultimamente tem havido geral reparo, da parte do publico, commentando largamente a professora official pelo seguinte: A exames de 1.^o grau levou 5 alumnos e como durante a sua carreira de professora, que se aproxima de 30 annos, não levasse até então, uma só alumna a exame, d'ahi o dizerem que as que levou agora foram habilitadas por outra pessoa... Será verdade?

—O sr. João Maria Pereira de Pinhotem o habito dos nossos antepassados, isto é, de deitar-se tarde e erguer-se cedo e foi o que lhe valeu na madrugada de domingo, pois que quando se levantou deu com dois meliantes que se preparavam para o roubar. Elle bem fez por os prender, mas elles fugiram deixando um sacco, um bonet e um pau.

—Acha-se entre nós vindos de Braga onde estão a estudar, os filhos do nosso amigo sr. Antonio Godinho d'Almeida, vice-presidente da commissão parochial republicana.

—Acha-se entre nós vindo do Porto Alegre, Brazil, onde esteve 17 annos, o sr. João Rodrigues da Silva, da Corga do Norte. Estimamos.

E.

ARMAZEM DE LANIFICIOS E FAZENDAS BRANCAS

DE
ALVES CERQUEIRA

PRACA — OVAR

N'este estabelecimento vendem-se todos os artigos de lanificios e de fazendas brancas por preços commodos.

Grande sortido de toalhas de Guimarães, lençoes de banho, guardasoes e chapéus.

Agencia das importantes Companhias de Seguros — Probidade e Indemnizadora — e do Banco Commercial de Lisboa.

GRANDE DEPOSITO DE AZEITE

DE
JOSÉ RODRIGUES FIGUEIREDO

NA
RUA DAS FIGUEIRAS — OVAR

Tem sempre, para revenda, azeites das mais finas qualidades e de magnifico paladar, do Douro, Beira Alta, Beira Baixa e Elvas, que vende a preços relativamente baratos.

MERCEARIA VALENTE

PRACA — OVAR

Além d'outros artigos de mercearia, encontra-se á venda n'este estabelecimento toda a qualidade de vinhos do Porto e Madeira, manteigas recebidas directamente das melhores fabricas de Cambra.

Variado sortido de ferragens, tintas e vernizes.

PREÇOS SEM COMPETENCIA

Ernesto Zagalo de Lima
PHARMACEUTICO

Rua da Praça — OVAR

Domingos da Fonseca Soares
COM

ARMAZEM D'ARROZ

NA

Rua de S. Bartholomeu — OVAR

Salvador & Irmão

AUR DA GRAÇA — OVAR

VENDEM

Arroz nacional de todas as qualidades, milho nacional e estrangeiro e mais cereaes de produção nacional.

A PREÇOS BARATOS

MANUEL DA SILVA

BONIFACIO & C.^a

COM

DEPOSITO

DE

Arroz nacional, cereaes e legumes seccos.

Rua de Santo Antonio — OVAR

CASA CERVEIRA

FURADOURO

Hotel—Café e Bilhar

Bons commodos, bom tratamento a preços modicos.

Aberto de 1 de Julho a

20 de Novembro.

HORARIO DOS COMBOYOS

DO PORTO A OVAR E AVEIRO

DESDE 15 DE MAIO

Comboyos	Tr.	Om.	Tr.	Rap.	Tr.		Tr.	Exp.	Tr.	Rap.	Tr.	Tr.	Cor.		
MANHA	S. Bento	5,19	6,35	7	8,50	9,39	TARDE	1,55	2,45	3,33	5	5,15	6,26	8,45	
	Espinho	6,20	7,30	8	9,28	10,48		2,55	3,40	4,31	5,39	6,22	7,26	8,46	
	Esmoriz	6,36	7,38	8,16	—	11,2		3,11	—	4,46	—	6,38	7,42	9,53	
	Cortegaça	6,42	—	8,22	—	11,7		3,17	—	4,52	—	6,44	7,48	—	
	Carvalh.ra	6,48	—	8,28	—	11,11		3,23	—	4,59	—	6,50	7,54	—	
	OVAR	6,58	7,52	8,38	—	11,22		3,33	3,59	5,9	—	7	8,5	10,13	
	Vallega	—	7,57	—	—	11,29		—	—	—	—	—	—	8,11	—
	Avanca	—	8,2	—	—	11,35		—	—	—	—	—	—	8,18	—
	Aveiro	—	8,36	—	10,6	12,16		—	—	—	—	6,14	—	8,58	10,55

DE AVEIRO E OVAR AO PORTO

Comboyos	Tr.	Cor.	Tr.	Tr.	Tr.		Rap.	Tr.	Tr.	Om.	Tr.	Rap.	Om.	
MANHA	Aveiro	3,54	5,45	—	—	11	TARDE	2,5	—	—	5,34	—	9,55	10,23
	Avanca	4,37	—	—	—	11,39		—	—	—	6,9	—	—	—
	Vallega	4,43	—	—	—	11,43		—	—	—	6,14	—	—	—
	OVAR	4,51	6,23	7,20	10,10	11,54		—	4,15	5,35	6,23	7,25	—	11,4
	Carvalh.ra	5,2	—	7,31	10,21	12,4		—	4,26	5,46	—	7,36	—	—
	Cortegaça	5,7	—	7,36	10,26	12,8		—	4,31	5,51	—	7,41	—	—
	Esmoriz	5,13	6,37	7,42	10,33	12,13		—	4,37	5,57	6,38	7,47	—	11,18
	Espinho	5,30	6,46	7,59	10,51	12,30		2,39	4,54	6,14	6,51	8,4	10,34	11,28
	S. Bento	6,34	7,47	9,2	11,54	1,47		3,18	5,58	7,15	8,1	9,3	11,16	21,26

CASA CERVEIRA

PRACA — OVAR

Mercearia, miudezas, vinhos finos e bebidas de todas as qualidades.

Grande deposito de esteios de lousa, para vinha e vedações.

Tanques de lousa para agua, bancas de lousa para cozinha, por preços inferiores aos do Porto, por contracto com uma importante fabrica de Vallongo.

Grande sortimento de livros escolares e litteratura, encarregando-se de mandar vir com toda a rapidez, toda e qualquer obra, nacional ou estrangeira, sem augmento de preço.

Agencia de todas as casas editoras, tomando assignatura de qualquer obra.

TANOARIA

ARMAZENS DE VINHOS

OVAR—Rua das Figueiras

Carrelhas & Filho, Successor

Vinhos maduros, verdes (tintos e brancos) e finos.

Alcool. aguardente de vinho e bagaceira, geropigas finas e baixas.

Vinagres tinto e branco.

Na sua conhecida TANOARIA, faz toneis, pipas, meias pipas, barris de quinto, decimo e tude o mais concernente á mesma, garantindo a solidez e perfeição dos seus trabalhos.

Tudo a preços convidativos.

RELOJOARIA

Serve magnificamente em seriedade de transações e em perfeição de trabalho a de Augusto da Cunha Farraia.

Ovar—Rua da Praça

Vinhos tintos, brancos e geropigas

Directamente recibidos das propriedades do Ill.^{mo} Sr. Manoel Valente de Almeida, vendem-se a retalho no estabelecimento de Augusto da Cunha Farraia.

Companhia de Seguros "Portugal,"

Sociedade anonyma de responsabilidade limitada

Capital Rs. 1.600:000\$000

Emitido 320:000\$000

EFFECTUA

SEGUROS TERRESTRES

contra

Fogo, incluindo o proveniente de raio ou explosão de gaz, sobre moveis, propriedades e estabelecimentos em todo o reino

E

SEGUROS MARITIMOS

contra

Avaria grossa e particular

Séde em Lisboa

Agente no Porto: José Ribeiro Borges

EM OVAR: Dá informações sobre esta importante Companhia Fernando Arthur Pereira, na tanoaria Carrelhas—Rua das Figueiras.